Capoeirando

Um Tributo à Cultura Popular

Ano I nº 3 JUL.AGO.SET./95



Iê, Camará!

Estamos perto do mês de Agosto, considerado " mês do Folclore". O que é o Folclore senão o modo de ver e organizar o mundo, de uma maneira muito particular, de acordo com as regras tradicionais inventadas e reinventadas dentro de um grupo?

Capoeirando tem como proposta estar sempre mergulhando nesse universo particular da cultura popular brasileira, resgatando aos leitores os cantos, as ladainhas, as danças, os instrumentos, enfim, a produção popular, além de trazer informações sobre as pessoas que nos fazem lembrar de nossas raízes, nossa identidade cultural. É a essas pessoas, Capoeiristas e folcloristas, que muitas vezes morrem na miséria e no esquecimento da memória nacional, que queremos dedicar este número.

Nesta edição trazemos uma matéria, muito especial, sobre nossa " garota da capa" (com todo respeito), Dª Maria do Carmo Jerônimo, que leva o título de: A Mulher mais Velha do Mundo. Temos uma conversa com o Mestre mais mandingueiro de S. Paulo: Mestre Ananias. Trazemos uma entrevista com o Prof. Antônio Arantes sobre *Cultura Popular & Folclore* e um artigo do Prof. Pedro Paulo Funari sobre as descobertas arqueológicas na região do Quilombo de Palmares. **Volta ao mundo** traz uma entrevista da Argentina e **ZumZumZum** abre a polêmica: *Capoeira X Candomblé.*

Diretor-chefe: Eusébio Lôbo da Silva
Editora-chefe: Adriana Barão
Conselho Editorial: Prof. Dr.ª Mônica Serra, Prof. Dr.º Roberto Berton De Angelo e Prof. Drº. Eusébio Lôbo da Silva
Diretora de Redação: Andréa Mendez
Colaboradores deste número: Luciana Menezes, Luís Gasparin, Zacarias José dos Santos, Paula Cencig
Ilustração: Luciana Barbeiro, Dimas Restivo e Andréa Mendez
Capa: Luciana Menezes
Jornalista Responsável: Adriana Barão(Mtb. **24.859 - SP)**
Impressão: Gráfica Unicamp.
Tiragem: 2 mil exemplares.

Correspondência: A/C Revista Capoeirando
UNICAMP
Caixa Postal E. 6199
CEP 13081-790 Campinas - SP

FALA, MESTRE ..... 4 e 5
LINHA DIRETA 6
NO TOQUE DO BERIMBAU 7
VOLTA AO MUNDO ..... 8 e 9
300 ANOS SEM ZUMBI ..... 10 e 11
HISTÓRIA ..... 12 a 14
CAMARADINHA 15
TRIBUTO ..... 16 e 17
ZUMZUMZUM ..... 18 e 19
EUSÉBIO LÔBO ..... 20 e 21
IMAGENS 21
SAIDEIRA 22

CAPOEIRANDO
Um Tributo à Cultura Popular



Esta foi a capa da ***Capoeirando nº 2****, se você ainda não tem procure:*
1- nas academias de Capoeira de sua cidade
2- na biblioteca central de sua universidade
3- ou então peça pra gente, pela caixa postal !

Fala, Mestre

Mestre Ananias, o Angoleiro

Quem quiser conhecer um verdadeiro mestre mandingueiro em São Paulo, deve ir à Praça da República aos domingos, logo depois do almoço e procurar um senhor elegante com seu boné branco, dando axé à roda, com seu berimbau. Ou ainda perguntar por Mestre Ananias. Não há quem não conheça o "guardião" das rodas da República.

Mestre Ananias nasceu em São Félix da Cachoeira, interior da Bahia e conheceu Capoeira aos 17 anos, treinando com Mestre Pastinha e depois com Mestre Canjiquinha. Veio para São Paulo em 1953. Já deu aulas de Capoeira, mas nunca teve um bom retorno financeiro. Conhecedor dos mistérios no jogo e na malícia da capoeiragem, não deixa ninguém levar de graça: Capoeira é brasileira, Capoeira é de quem dá sua vida por ela. Homem que fala pouco e observa muito, nos contou um pedaço de sua história, num domingo à tarde, depois do evento do Prof. Zequinha, em Piracicaba/SP .

Capoeirando - O que é Capoeira, Mestre?

Mestre Ananias - É tudo na minha vida, é o que tá me dando essa força, entendeu? Se não fosse a Capoeira eu já tinha pifado. É saúde, pra quem sabe usar este esporte: beber pouco, comer na base do limite. Tem que se cuidar. Muita mulher, muita cachaça, isto acaba com qualquer um.

Adriana Barão



Capoeirando - Capoeira e Candomblé, têm alguma ligação?

M. Ananias - Tem ligação, sim. Todos os capoeiristas da Bahia, a maioria deles, convivem dentro de terreiros, igual os estivadores, todos eles são macumbeiros e capoeiristas. Mestre Bimba era candomblesista. Não cheguei a conhecer, mas tenho certeza que ele era. Todos eles mexem com candomblé.

Capoeirando - Como era a Capoeira em Salvador?

M. Ananias - A Capoeira de Salvador é mais marcada e perigosa, entendeu? Aqui nego joga de qualquer jeito, cabeça baixa, não olha a direção do golpe, aquela Capoeira maluca. Lá é na base da graça, caboclo fica concentrado. Aqui o pessoal não tá nem aí, é pra lá, pra cá, vale tudo.

Capoeirando - Com quem o sr. aprendeu Capoeira?

M. Ananias - Convivi com Mestre Pastinha e Canjiquinha. Era pra pegar o meu diploma com o M. Pastinha, ele dizia: " Tá na hora de levar o seu diploma". Eu dizia:

da Praça da República

"Capoeira de Angola é a dança da morte, brincou, morreu, esse que é o problema"

" Não tenho dinheiro suficiente para dar para o senhor", eu não achava justo. Ele morreu e aí peguei com o Mestre Canjica. Esse é outro pé-de-sebo, macumbeiro, capoeirista, samba... tudo é com ele.

Capoeirando - O sr. se lembra se existia rivalidade entre angoleiros e regionais?
M. Ananias - Não é do meu conhecimento. Via lá briga entre angoleiro com angoleiro mesmo. Agora é que a Capoeira está ficando mais violenta, por causa destes garotões, querendo dar uma de guerreiro. Mas chega lá e se embanana, vai querer discutir com um nego velho, cheio das milongas? Tem que medir a distância, tem que ter respeito. Cara ignorante é problema.

Capoeirando - Por que o sr. pratica Capoeira Angola?
M. Ananias - Macaco que muito pula quer tomar chumbo! Quando você vê nego querendo pegar estrela lá no céu, ele vai? O negócio é aqui no chão. Olho no olho, é no golpe, na mandinga, no samba!

Capoeirando - Como é o seu trabalho em S. Paulo?
M. Ananias - Ultimamente eu estou ajudando mais os outros do que eu próprio, minha academia está parada. Não tenho dinheiro para construir o prédio, tenho só o terreno, os alunos estão treinando com outros.

Capoeirando - Chegando em S. Paulo o sr. montou academia?
M. Ananias -É, comecei no Martinelli com Venâncio e Corumba. Fui ensinar Capoeira para turma da vara criminal lá do fórum na Liberdade, depois abri academia em Utim, me passaram pra trás.Foi no tempo que Jair Rodrigues começou a cantar, era aluno de Venâncio e Corumba que cantavam música popular. Abri academia pra turma dos Astros do Ringue de luta livre na Moóca. Roubaram até minhas fotos, só faltou levarem meu diploma.

Capoeirando- O que o sr. acha dos estrangeiros fazerem Capoeira?
M. Ananias - Na roda que a gente faz na República aos domingos, se vê bem ali, como é que é. Os gringos chegam, a gente tá alí com aquela roda, o pau tá comendo. Eu digo : " O sr. não vai tirar foto, por gentileza". Porque levam as fotos para o exterior e ganham rios de dinheiro em cima de nós. Digo, se não pagar não vai levar nada. Domingo passado entrou acho que foi a Record gravando tudo, sem pedir licença. Veio um trocar uma idéia comigo dizendo: " Estamos fazendo um trabalho". Que trabalho coisa nenhuma, e nós estamos aqui, de graça para vocês? Ninguém vai gravar de graça.

"O Brasil é de Deus, tudo aqui é uma riqueza. Se a gente não abre o olho, estrangeiro vai tomar conta do Brasil"

Capoeirando -É por isso que os mestres antigos estão se fechando ?
M. Ananias - A Capoeira tem muito mistério e quem sabe não está querendo dar para ninguém. Tá cheio de safado, maconheiro, ladrão. Acha que eles vão dar seus conhecimentos para um cara destes?

Capoeirando - Mestre, a sua aparência é a mais bonita de todo evento: do boné ao sapato, tudo branquíssimo, o senhor se prepara para entrar na roda?
M. Ananias - Os capoeiristas da antiga se vestiam assim. Era difícil você ver uma sujeirinha na roupa, jogavam de terno, gravata e chapéu na cabeça. Hoje dá medo olhar a roupa dos caras. Pra entrar na roda não é só tomar banho de torneira, não. Tem que tomar banho da cabeça aos pés, tá preparadinho com a pemba de Oxalá. Tem que se cuidar e eu me cuido muito bem.

Linha direta

Agradecemos a todos aqueles que têm enviado sua colaboração.
Agradecemos especialmente:

* Ao **Grupo Muzenza**, Mestre Burguês, que nos enviou alguns exemplares do " Jornal Muzenza". Parabéns pela realização de vocês!

* Ao **Mestre Suíno** que nos enviou um artigo.

* Ao **Mestre Umoi**, Capoeira União Brasil/Portugal que nos enviou a primeira crítica, motivo que nos honra. Estamos publicando a seguir sua carta:

Caros companheiros,

Através do mestre Nilson, Grupo Berimbau de Ouro de Sumaré - SP, fiquei conhecendo a Capoeirando. Li e gostei das matérias, são bem direcionadas e com uma leitura bem acecível (sic). Mas é minha obrigação, na intenssão (sic) de ajudá-los, dizer que a matéria da página 7 " Bye bye Capoeirá", da Capoeirando nº 1, não está de toda (sic) correta, principalmente na passagem " ... na Europa, as pessoas têm pouca informação sobre Capoeira porque não existem grupos com trabalhos contínuos..." Na verdade existem bons trabalhos aqui na Europa, como a London School of Capoeira dos contra-mestres Silvia Bazarelli e Marcos Aurélio, formados do Mestre Sombra de Santos - SP. Em Paris podemos encontrar o Grupo Paname do Mestre Beija-flor, também formado do Mestre Sombra. Em Barcelona existe a Associação Raízes de Senzala, em Amsterdã existem os trabalhos dos mestres Samara e Marreta. Em Portugal existe o Grupo União na Capoeira, Mestre Umoi que já trabalha há cinco anos em terras lusitanas e outros mestres no norte do país, além de Abdula, formado do Mestre Burguês, recentemente iniciou um trabalho aqui em Portugal. É verdade que aqui na Europa podemos encontrar muito " picareta" de berimbau na mão se intitulando mestre, mas isso também não acontece no Brasil? E o que é pior, muitas vezes " nas barbas" de mestres e capoeiristas antigos. Também sou um batalhador da nossa amada Capoeira e espero ter ajudado vocês que têm tudo pra dar certo.

Muito Axé. Mestre Umoi.



Montes Claros, MG

Gostaria muito que este recado fosse para a Linha Direta. Meu nome é Luciana F. Oliveira, instrutora do Grupo Luanda de Montes Claros - MG, o contra-mestre é José Maria da Paixão Souza. Nossa associação completa 10 anos dia 30 de agosto de 1995 e gostaria de parabenizar Zé Maria por ter segurado nossa associação todo esse tempo, com muita dedicação, ensinando com seu dom a arte da Capoeira, maculelê, dança afro, puxada de rede, samba de roda e todos fundamentos da Capoeira. Parabéns ao meu contra-mestre Zé Maria, a todo o grupo e a todos os capoeiristas do Brasil que já colaboraram com a gente.

Obrigada à equipe da Capoeirando.

OPS! Erramos...

Em Capoeirando nº 2 na matéria da sessão *Volta ao Mundo*, sobre Capoeira na Alemanha, faltou o nome da pessoa que conseguiu este contato: Angela Korte, a co-editora da Revista Rasteira que nos impulsionou para a realização desta. Obrigadão!

No Toque do Berimbau

Vinícius de Moraes, o poeta do Amor Demais

O pequeno poeta foi grande, cantava e exaltava todos em suas poesias que, na maioria das vezes, contavam um pouco do cotidiano das pessoas comuns e humildes, como ele sempre foi.

Por ocasião da montagem da peça " Orfeu da Conceição", Vinícius, que já interessava-se pela cultura afro-brasileira, em particular, sentiu-se fortemente atraído a conhecer profundamente as favelas, o candomblé, a umbanda, clubes e festejos da tradição popular do morro do Rio de Janeiro.

Nas andanças pelo Brasil, o poeta tornou-se o grande devoto de toda essa herança " misturada" do país. Bebeu dessa cultura particular e compôs inúmeras músicas, como: Canto de Ossanha, Canto de Oxum, Meu Pai Oxalá, Canto de Xangô, Berimbau, A Benção, e outras. Em 1966 lançou o disco " Os Afro-sambas de Baden e Vinícus" em parceria com Baden Powell.

Falar de Vinícius é falar em paixão eterna, é rimar boemia com poesia, é cantar a vida na arte do encontro.

BERIMBAU

(Baden Powell e Vinícius de Moraes)

Quem é homem de bem, não trai
O amor que lhe quer seu bem
Quem diz muito que vai, não vai
Assim como não vai, não vem
Quem de dentro de si não sai
Vai morrer sem amar ninguém
O dinheiro de quem não dá
É o trabalho de quem não tem
Capoeira que é bom, não cai
E se um dia ele cai, cai bem

Capoeira me mandou
Dizer que já chegou
Chegou pra lutar
Berimbau me confirmou
Vai ter briga de amor
Tristeza, camará

Mande sua ladainha, chula ou corrido, dando sua mensagem.



* Texto: Luciana Menezes e Ana Paula Menezes

Volta ao Mundo

Diretamente de Buenos Aires

Em recente viagem à Buenos Aires, nossa " correspondente internacional" Paula Cencig teve um bate-papo muito interessante com o Mestre Marcos, trazendo para Capoeirando as experiências de um camaradinha brasileiro que tem realizado um grande trabalho com a Capoeira num país vizinho. Mestre Marcos é formado pelo Mestre João de Barro, Salvador - BA. Há oito anos está na Argentina; no início tinha um contrato para fazer espetáculos de Capoeira, e atualmente é professor no Centro Cultural Ricardo Rojas, uma extensão da Universidade de Buenos Aires (UBA). Formando o Grupo Bamba, que desenvolve a prática folclórica da Capoeira e do Maculelê, conseguiu apoio da Secretaria de Esportes e irá realizar um evento em Agosto, chamado Clínica de Capoeira. Escute só essa conversa...

"É realmente importante aproveitar aquilo que faz o argentino envolver-se na Capoeira"

Paula: Você é o único Mestre trabalhando na Argentina?
M.Marcos: Não, tem o Mestre Kary Roberto e o Mestre Edval Boa Morte, que agora está dando aula na Austrália.

Paula: Como é a receptividade da Capoeira aqui na Argentina?
M.Marcos: No passado havia muitos capoeiristas que misturavam a Capoeira com a droga, com a maconha, esse tipo de coisa, então foi queimando o ambiente, mas tivemos a oportunidade de limpar a imagem da Capoeira. Muita gente começou na rua, passando o chapéu, mas o pessoal não valorizava. O que a gente faz é roda na rua, informando que é também um esporte organizado.

Capoeira-esporte

Estamos sendo reconhecidos, fundamos uma Associação de Capoeira, vamos estar na abertura dos Jogos Panamericanos no setor de Karatê aqui na Argentina, representando a Capoeira.

Paula: No inicio você encontrou muita dificuldade?
M.Marcos: Procurei conhecer a cultura dos argentinos para poder desenvolver uma metodologia e uma pedagogia mais adequadas para a aprendizagem da Capoeira. Aqui na Argentina temos um pequeno problema, não existe madeira boa prá fazer Berimbau e também não tem cabaça. Uma vez fizemos um passeio: "A busca do Berimbau", a gente foi buscar madeira mas só encontrou bambú. O clima aqui faz secar muito o instrumento e ele arrebenta, mas sai.

História brasileira

Paula: Como é sua aula?
M.Marcos: O que mais destaco é a história, a trajetória da Capoeira. Quando ficam sabendo da história da escravidão no Brasil, entendem. A partir daí passo para a parte técnica, os movimentos. Têm muitos

Paula Cencig



O Grupo Bamba, formado pelo Mestre Marcos, representará a Capoeira da Argentina nos jogos Panamericanos

capoeiristas que vêm do Brasil, e acreditam que os argentinos são " bunda-mole". O que eu mais ensino aos meus alunos é a educação ao entrar e sair de uma roda. Aprendi a respeitar os argentinos, sem querer me exibir. O que eles querem é respeito.

Paula: Comente sobre um grupo que se apresenta em praias argentinas, se dizendo capoeiristas.

M.Marcos: Olha, o que eu sei é que tem um grupo de uruguaios, aqui na Argentina que prejudica o trabalho. Passam o chapéu pela rua, são mal informados, não jogam Capoeira. Faziam roda na Recoleta e tivemos que botar para fora. Dizem que são brasileiros, uma época eram cariocas, agora que a onda é Bahia, são baianos.

Abrindo as fronteiras

Paula: Nas sua opinião, qual a importância de trazer a Capoeira para a Argentina?

M.Marcos: É como eu vejo a cultura oriental crescendo no mundo, porque não mostrar a nossa cultura? Eu agradeço à Capoeira por ter me dado a oportunidade de conhecer este país, esta cultura, conhecer a mim mesmo e a sociedade argentina.

"Temos que fazer com que o mundo tenha a febre da Capoeira"

Volta ao Mundo é um espaço para troca de experiências com capoeiristas que estão longe de casa, em outro país e que podem nos trazer informações interessantes e relatos de experiências. Vamos dessa forma criar um intercâmbio!

300 ANOS SEM ZUMBI

A saga de Palmares e as descobertas da arqueologia

No início do século XVII, os rigores da escravidão castigavam os africanos nos engenhos do Nordeste. Fugindo desse martírio, alguns negros conseguiam escapar para o interior, rumo à zona da Mata e, já em 1605, havia um quilombo nessa região. Com a invasão holandesa e a consequente rivalidade com os portugueses, as aldeias de rebeldes se expandiram, formando uma verdadeira República de homens livres, conhecida como "**Palmares**", a região das Palmeiras.

Nos atuais Estados de Alagoas e Pernambuco, uma grande área no interior era ocupada por aldeias de nome africano, como *Dambrabanga*, e indígena, como *Tabocas*, tendo como capital a *" Cerca Real do Macaco"*, na *Serra da Barriga*, atual cidade de união dos Palmares, 65 km a oeste de Maceió.

Anualmente, portugueses e holandeses atacavam os quilombolas, sem conseguir destruir suas aldeias. Com a expulsão dos holandeses, os portugueses intensificaram os ataques aos palmerinos, a tal ponto que Ganga Zumba, rei dessa comunidade, chegou a propor paz. Seu sobrinho, Zumbi, jovem guerreiro, não aceitou isso e assumiu o poder, desafiando as autoridades que tentavam acabar com o quilombo.

20 de Novembro

Apenas com a contratação dos bandeirantes, cruéis mercenários e especialistas em guerra no interior, as autoridades conseguiram destruir a capital, Macaco, em 1694 e capturar e matar Zumbi, em 20 de novembro de 1695.

"Toda a história de Palmares foi contada pelos seus inimigos, pois os próprios quilombolas não nos deixaram documentos escritos sobre sua experiência de vida em liberdade"

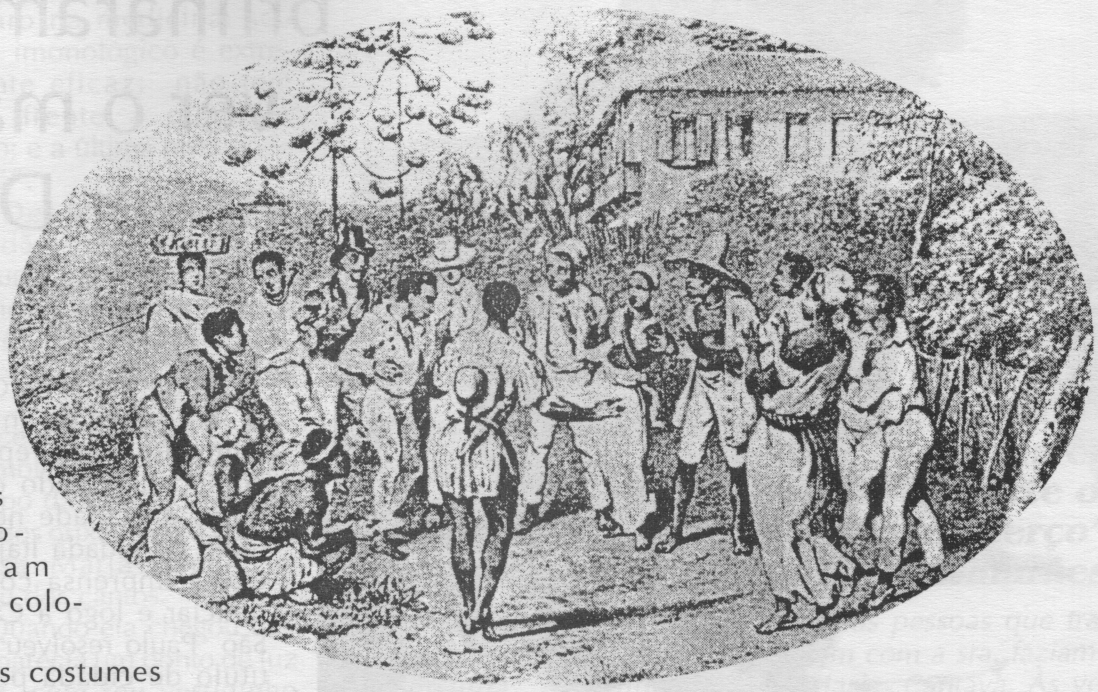
No entanto, suas aldeias deixaram vestígios materiais, objetos enterrados, produzidos e usados pelos seus moradores e que podem ser estudados pela Arqueologia.

Escavação da Memória

Em 1991, uma equipe de brasileiros, americanos e ingleses, interessados em recuperar a memória desse que foi o mais importante movimento de resistência à opressão da escravidão na América, resolveu iniciar trabalhos de campo na região.

De lá para cá, encontramos milhares de objetos daquela época, principalmente cerâmica, pedras e restos de habitações. Graças a isso, podemos saber que os vasos cerâmicos ali utilizados eram de tipo tubinambá, indígena, provavelmente porque os negros fugidos se casavam com as índias, que produziam a cerâmica. Também há outros vasos com alças, algo usado apenas pelos europeus, o que demonstra que os quilombolas conheciam e apreciavam

"Africanos, indígenas, brancos, irmanados na luta contra a opressão,formavam um grupo em luta pela liberdade"



certos costumes que conheceram com os colonos.

Os costumes desses quilombolas eram, na verdade, uma perfeita mistura de elementos africanos, provavelmente predominantes, com outros indígenas e europeus, formando uma sociedade com elementos de origens bem variadas.

Sociedade acolhedora

Um grande vaso indígena foi encontrado com dois machados no seu topo: os machados não apresentavam sinais de terem sido usados, eram machados ritualísticos, semelhantes àqueles utilizados nos cultos aos orixás, em mostra muito clara dessa mistura de elementos.

Parece que se tratava de uma sociedade acolhedora de todos os perseguidos, negros e índios, mas também, provavelmente, condenados diversos (judeus muçulmanos, criminosos, prostitutas, " bruxas").

Palmares emerge dessas pesquisas como uma sociedade mais próxima da sociedade brasileira atual do que se imaginava, com sua grande diversidade e mistura de povos e costumes.

A Arqueologia, nos anos que virão, permitirá que encontremos novas pistas, revelando mais dados sobre essa experiência única na História de toda a América colonial.

Pedro Paulo Funari
Prof. de História e Arqueologia da Universidade Estadual de Campinas; desenvolvendo o "Projeto Arqueológico Palmares", juntamente com a Universidade Estadual de Illinois/ EUA e Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Alagoas.

História

Luciana Menezes

Os olhos, que viram o tempo da escravidão, brilharam ao ver o mar e sonham em ver Deus



Foi no dia de Corpus Christi que conhecemos Dona Maria do Carmo Jerônimo, a anciã brasileira que já entrou no Guiness Book, edição brasileira de 1994 com o título: *" A mulher mais velha do mundo"*.

Ela estava na missa quando chegamos na casa onde mora há 53 anos, com a família de José Armelim Bernardo Guimarães, em Itajubá, sul de Minas. Como todo mineiro é bom papo, nem vimos o tempo passar, conversando com Bernadete, filha de Armelim Guimarães, que nos contou muitos episódios da vida da " Maria", como é carinhosamente chamada.

Hoje Maria do Carmo é conhecida internacionalmente. Essa repercussão começou quando os vereadores da cidade negaram o título de cidadã itajubense a ela, a imprensa começou a noticiar e logo a Câmara de São Paulo resolveu dar-lhe o título de cidadã paulistana, além da Prefeitura de Três Corações. Os veículos de comunicação a todo momento entram e saem daquela casa, Maria virou notícia. O Papa a homenageou com uma medalha e um terço, vindos pelo bispo de Costa Rica. O prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, também quis presenteá-la: recentemente, levou-a para conhecer o mar, que para ela é o mesmo que uma enchente.

A medicina não chegou a nenhuma conclusão sobre o segredo da longevidade de D. Maria. Sua alimentação chega a assustar um bom-garfo, gosta de comidas fortes como lingüiça, carne de porco, e leitoa assada com pururuca é sua preferência. Todo domingo gosta de beber um copo de

História

Luciana Menezes

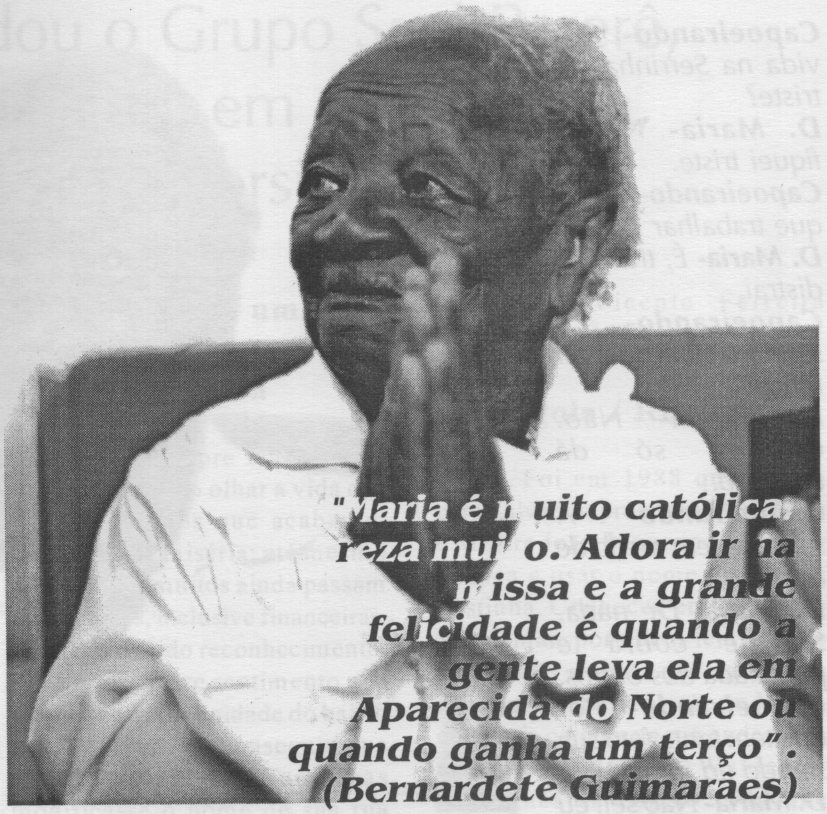
vinho, apenas o quentão foi proibido pelo seu médico.

Ouve e enxerga bem, não admite ajuda nem para se vestir. Nunca ficou doente, nem sequer resfriada. Três fatores podem explicar este caso raro na medicina: seu sistema imonológico é extremamente eficaz; não tem streess frente a qualquer situação; e a última pista pode ser a "fé".

Desde o tempo da escravidão fugia para poder rezar numa capela da fazenda e até hoje, antes de dormir reza três Pai-Nossos e três Ave-Marias, conta. Sobre os cultos africanos ela desconhece os termos: Orixá, Candomblé, mas em São Paulo um grupo dançou e cantou os toques dos orixás e com grande surpresa Maria dançou e lembrou dos cantos.

Quando ela chegou da missa, parecia um ponto de luz na sala, com seu vestidinho amarelo, um terço no pescoço, e um sapato preto que só usa pra ir à missa - mas gosta mesmo é de andar descalça.

Essa grande senhora miúda com apenas um 1,22m de altura e 41 kg, sorriu e veio conversar com a gente.



Capoeirando- *A senhora se lembra da época em que viveu na Serrinha, o tempo da escravidão? Como era?*

D. Maria- *Trabalhava. Lavava roupa, passava.*

Capoeirando- *O que a senhora comia lá?*

D. Maria- *Angú e feijão, na cuia.*

Capoeirando- *No final do dia, o que as pessoas que trabalhavam com a sra. faziam?*

D. Maria- *Cantava. Às vezes os rapazes cantavam, às vezes dançavam. Chamava as moça pra dançar. Eu cansava, ia durmi.*

Capoeirando-*A senhora lembra daquelas músicas ?*

D. Maria- *Não canto, não. Essa música que tem no rádio.*

Maria do Carmo Jerônimo nasceu na Fazenda de Serrinha, no município de Carmo de Minas, propriedade de Luiz José Monteiro de Noronha. Filha de Sabina, uma mucama, e Jerônimo, tido como um escravo-reprodutor da fazenda. Nasceu em 5 de março de 1871, ano da " Lei do Ventre Livre", porém esta lei só foi promulgada em 28 setembro, assim Maria foi escrava até os 17 anos, quando foi abolida a escravidão em 1888.

Em alguns momentos ela conta que sofreu muito no tempo do cativeiro, suas costas trazem marcas desse tempo. Mesmo liberta disse que era muito maltratada nas casas onde morou, principalmente na cidade de Cristina, antes de vir morar em Itajubá. " Hoje ela parece uma pessoa tranquila, todos os dias varre a frente da casa, rega as suas flores e senta no balanço da varanda e se perde em pensamentos, nunca reclamou de nada", conta seu Armelim.

História

Luciana Menezes



Capoeirando- *Sua vida na Serrinha era triste?*
D. Maria- *Nunca fiquei triste.*
Capoeirando- *Tinha que trabalhar muito?*
D. Maria- *É, trabalhá distrai.*
Capoeirando- *A senhora não quis ter filhos?*
D. Maria- *Não. Criança só dá trabalho.*
Capoeirando- *A senhora tem medo de que?*
D. Maria- *De nada. Só de cobra e pingaiada dos outros.*
Capoeirando- *Por que tem tanta foto sua saindo no jornal?*
D. Maria- *Não sei, eu não pedi pra tirá, não (risada).*
Capoeirando- *Depois de ter conhecido o mar, o que a senhora quer ver agora?*

D. Maria- *Deus.*
Capoeirando- *Como a senhora acha que ele é?*
D. Maria- *Como a gente. Vai na igreja que você vai ver.*

Conversamos também com Seu Armelim Guimarães, 72 anos, historiador, neto de Bernardo Guimarães, o romancista que escreveu " Escrava Isaura".

Conhece Capoeira, disse que era praticada também em Itajubá, no final do século passado.

" Havia uma rivalidade entre o partido Liberal e o Conservador e certa vez, numa procissão, os conservadores quiseram se vingar dos liberais, colocaram um grupo de pretos que sairam pelas ruas dando aqueles rabo-de-arraia, ficando de ponta-cabeça. Agora isso não existe mais. Existe aqui uma Capoeira, mas é esporte, igual luta marcial ", conta.

CAPOEIRA

Sobre a Capoeira ela desconhece o nome, e com muito esforço, cantando algumas músicas, falando sobre a movimentação, em um momento ela falou:
D. Maria *- Tinha sim, mas agora acabou, não existe mais.*

Não sabemos se realmente é a Capoeira o que ela estava se recordando.

Armelim Guimarães conheceu Maria na cidade de Cristina em 1942, ela trabalhava numa casa em que os donos eram muito ruins para ela. Maria cuidou dos seus 11 filhos e se tornou " de casa". Ele conta como descobriu a idade de Maria do Carmo: " Há três anos atrás um senhor de 90 anos, passando em frente de casa reconheceu a Maria e disse que mais de 100 anos ela tinha. Pedi o registro para a paroquia de Carmo de Minas, tendo a data do nascimento o ano de 1871, então ela tem 124 anos! Fiquei até assustado".

Camaradinha

Tulé fundou o Grupo Saci-Pererê, hoje formado, em sua maioria, por universitários

José Antônio da Silva, nasceu no dia do Folclore e recebeu o nome de Tulé na capoeiragem. Com 34 anos, cabelos trançados e um largo sorriso no rosto, esse leonino nasceu no interior de São Paulo, mas tem sotaque de baiano.

Atualmente dá aulas de Capoeira no Curso de Extensão pelo Departamento de Artes Corporais da Unicamp (DACO/ IA). Para ele, este trabalho dentro da universidade torna a Capoeira não apenas um objeto de estudo, mas um momento de lazer e reflexão para os alunos. Além de ser Mestre, é coordenador de um grupo de recreação . Está terminando o 2º grau e pretende prestar vestibular para Artes Cênicas.

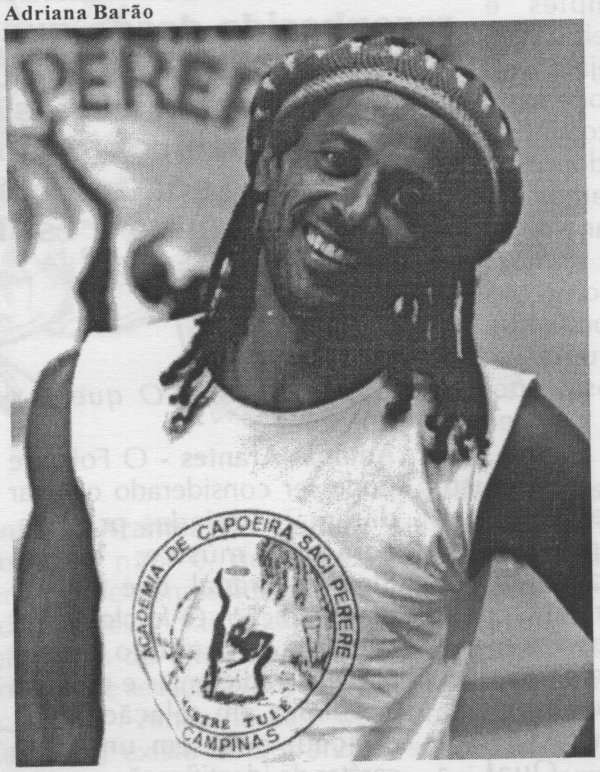
"Capoeira pra estrangeiro"

A Capoeira está em plena fase de expansão, e essa onda de "capoeira pra estrangeiro", Tulé acha ótimo, mas acredita que os capoeiristas que estão indo pra fora têm que levar junto a história da Capoeira. Apesar de considerar a Capoeira um elemento da cultura brasileira, não concorda em usar cordões com as cores da bandeira, "é só lembrar como o Estado reprimiu sua prática, além disso, nacionalismo exagerado só levou à grandes guerras", explica ele.

Campinas tem uma rua em homenagem à capoeira

Tulé sempre teve grande ressentimento ao olhar a vida dos mestres antigos que acabaram morrendo na miséria; até mesmo hoje em dia, muitos ainda passam dificuldades, inclusive financeiras, sem ter o devido reconhecimento. Foi a partir desse sentimento que mobilizou a comunidade do bairro em que morava e conseguiu que a Prefeitura de Campinas modificasse o nome de sua rua para Rua Vicente Ferreira Pastinha, em 1988.

Adriana Barão



Angola / Regional

Foi em 1988 que viajou para Salvador, procurou Dona Nice e Mestre João Pequeno para pedir licença e usar o nome de Mestre Pastinha. Conheceu então Mestre Waldemar, por quem tem grande admiração e conta que agora que mudou de bairro, se pudesse, colocaria o nome na rua onde mora atualmente de Rua Waldemar Rodrigues da Paixão. Não que esteja fazendo uma homenagem à Capoeira Angola, mas como conta, "hoje eu me identifico mais com o discurso dos angoleiros que também lutam pela identidade do negro na Capoeira, mas também vejo a importância de outros Mestres, como M. Bimba". Na suas aulas ele gosta de deixar claro que joga Capoeira, não gosta da divisão entre angoleiros e regionais, "jogo e ensino a jogar de acordo com o toque do berimbau", diz ele.

Tributo

Cultura Popular & Folclore

Desde que decidimos fazer uma revista que enfocasse a Capoeira no seu aspecto cultural e não esportivo, já estávamos pisando no território do folclore, do popular, da resistência cultural, da tradição...

Quando decidimos am-pliar o tema da revista (que já é vasto) para " um tributo à cultura popular" vimos que há muito chão pela frente, muitas manifestações das mais diversas origens a serem pesquisadas e trazidas numa linguagem simples e profunda a um leitor que, acreditamos, esteja envolvido com essas práticas.

Antes de continuarmos adentrando este terreno, gostaríamos de parar para respirar e rever o que são esses termos: Popular, Folclórico, Tradicional. Encontramos neste caminho uma pessoa bastante generosa, que nos cedeu esta entrevista esclarecedora.

Antônio Augusto Arantes é Professor adjunto na área de Antropologia da UNICAMP, publicou " O que é Cultura Popular?", pela coleção Primeiros Passos, o qual recomendamos para os leitores que quiserem se aprofundar mais no assunto.

Capoeirando - *Qual a diferença entre Cultura Popular e Folclore?*

Antônio Arantes - A diferença só existe para efeito de estudo. Nossa vida cotidiana é tecida de informações, gostos, práticas de origens diversas. Como se fossem várias nascentes formando um grande rio que é nossa cultura. Para diferenciar essas origens dividimos em cultura popular, cultura erudita, folclore, cultura de massa, enfim.

" Tradição não é aquilo que se repete tal e qual. Toda tradição permite mudanças e terá a sua continuidade reconhecida desde que os seus praticantes reproduzam certos princípios básicos daquela prática. E toda tradição admite variantes e estilos diversos"

Capoeirando - *O que é o Folclore?*

Antônio Arantes - O Folclore pode ser considerado o lugar das mais variadas práticas, como a música, dança, literatura, ritual, que tenham uma tradição. O folclore brasileiro é o conjunto dessas práticas tradicionais e que são anônimas em relação a sua criação, mas tem um forte caráter de identificação com os mestres que a praticam. São eles os grandes marcos daquela tradição, não inventaram, mas realizam da melhor forma os princípios daquela prática aos olhos de um grupo que os reconhecem como mestres.

Capoeirando - *O que é o tradicional?*

Antônio Arantes - É importante ressaltar que a tradição não é estática, pelo contrário, é dinâmica, vai sendo reinventada no seu contexto. Temos o estilos de tal mestre ou a moda de tal região. Assim como na Capoeira, Mestre Bimba e Mestre Pastinha representam estilos diferentes, mas dentro de uma mesma tradição que engloba o mesmo conjunto de elementos e princípios. O fato da Capoeira estar sendo praticada no exterior e o contato crescente (direto ou indireto) que seus praticantes no Brasil tem tido com culturas negras de outras partes do mundo (E.UA., Jamaica etc) aumenta a possibilidade de novos estilos surgirem, sofrendo influências do Reggae, do Rap, danças que tenham afinidades.

As tradições são híbridas, não são puras. E o que é " tradicional" também não significa necessariamente antigo, uma tradição pode ter

Tributo

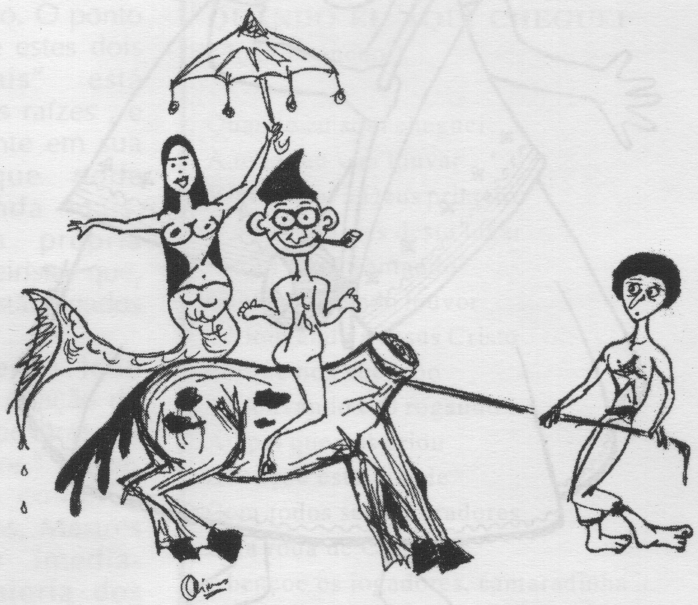
Professor Antônio Arantes dá algumas pistas sobre o assunto

300, 100 ou 20 anos de existência, o importante é como esta prática vai sendo reproduzida: sempre fiel a certos princípos estéticos e a certas técnicas identificados com"antepassados".

Capoeirando - *O que é Cultura Popular?*

Antônio Arantes - Tudo faz parte da Cultura Popular. O termo é usado para identificar uma categoria social que produz, consome ou utiliza determinada prática como estratégia simbólica de resistência ou de afirmação de diferença em relação ao que é dominante num dado momento histórico. É a Cultura do povo, considerando " povo" a categoria social que se opõe à elite, aos intelectuais, às classes dominantes. Mas nem sempre o que é dito popular foi produzido originalmente pelo povo ou é exclusivamente consumido por ele, como é o caso do samba-enredo que é produzido no morro e consumido também pelas mais variadas classes sociais. O que importa nessas práticas é o uso popular e não as origens. Além disso, as formas populares migram para o erudito e vice-versa.

Capoeirando - *Até que ponto a Cultura de Massa influência a produção da Cultura Popular?*



Antônio Arantes - A Cultura Popular não é descaracterizada pela massificação. As identidades sociais podem ser reforçadas ou diluídas através do uso que se faça da " cultura de massa". Ainda no caso do Carnaval, existe uma grande distância entre a criação do samba (como processo de criação artística e cultural) e o desfile na Sapucaí, com a amplificação pela TV, revistas etc. O respeito dos integrantes da escola pelo mestre de bateria, pelos compositores, pelas baianas, por exemplo, faz parte da cultura e da vivência do grupo social diretamente envolvido nessa prática e pode se fortalecer através da circulação de produtos de seu trabalho artístico pelos meios de comunicação de massa.

Por outro lado essas pessoas precisam vender seu trabalho, não querem só fazer para a família, para bairro, querem expandir sua prática, e então vendem fantasias, levantam uma grana com o bicheiro e mobilizam toda uma rede. O importante é que elas tenham esse direito e se sintam suficientemente legítimas para praticar uma atividade considerada digna pela sociedade e que não as considere como inferior.

Zum Zum Zum

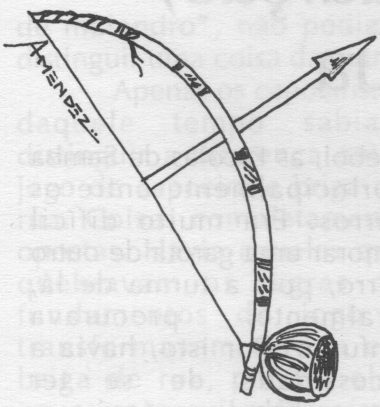
Capoeira X Candomblé: que parceria é esta?

Em Capoeirando nº1, Mestre Boca Rica, ao ser indagado sobre uma suposta relação entre a Capoeira e o Candomblé, foi categórico: " Não, eu nunca vi isso e nem ouvi Mestre Pastinha dizer que Capoeira e Candomblé eram uma coisa só. Cada coisa tem seu lugar". Em contrapartida, Mestre Itapoã respondeu à mesma pergunta da seguinte maneira: " Todos sabem que o Candomblé era a religião dos escravos, na qual buscavam a proteção dos orixás. Então existe uma relação entre capoeiristas-orixás e não capoeiristas-Candomblé".



E o que dizer destas respostas, senão que , embora afirmem coisas opostas, estão igualmente corretas ? Afinal, " se cada coisa tem o seu lugar" , estas " coisas" têm origem numa mesma cultura, a afro-brasileira.

Os fundamentos da Capoeira e do Candomblé são absolutamente independentes entre si, surgindo em épocas e circunstâncias diferentes . Entretanto, os seus elementos algumas vezes se parecem , justamente por portarem traços de uma cultura específica. Assim , qual a diferença entre um capoeirista que " abaixa ao pé do berimbau" e o filho de santo que " bate cabeça" ao pé do atabaque ? Ambos não tomam estas atitude por uma questão de humildade, respeito e atenção ? E o capoeirista que, antes de entrar na roda , toca o solo com os dedos para , em seguida ,fazer o sinal da cruz pedindo proteção aos santos ? Qualquer pessoa que já tenha tido o mínimo contato com o Candomblé reconhecerá estes gestos : trata-se de uma forma de pedir " licença" e proteção aos orixás, os " donos da terra".



Poderíamos citar ainda inúmeros fatores que evidenciam uma estreita ligação entre a Capoeira e o Candomblé , embora esta ligação não signifique que um não caminha sem o outro, muito pelo contrário. O ponto de encontro entre estes dois " irmão culturais" está justamente em suas raízes , e não necessariamente em sua execução. O que pode aproximá-los ainda mais, entretanto, é a própria existência de capoeiristas que, de alguma forma, estão ligados ao Candomblé.

Quando Mestre João Pequeno sugeriu a criação do movimento " Capoeiras de Cristo"(parodiando os " Atletas de Cristo") para conter a violência nas rodas, Mestres Ananias rebateu imediatamente: " A maioria dos capoeiristas de Salvador pertence ao Candomblé. Desse jeito não vai dar certo".

Por via das dúvidas, um banho que não seja " só de torneira" e um galhinho de arruda atrás da orelha, assim como canja de galinha, não fazem mal a ninguém . Afinal de contas, nunca se sabe...

Ladainhas revelam o lado espiritual dos capoeiras

Algumas músicas de capoeira, principalmente as ladainhas, são dirigidas aos mistérios espirituais, ao mundo religioso que cada um acredita e que é entendido por "quem tem ouvido pra ouvir", Alguns exemplos:

QUANDO EU CHEGO NO TERREIRO
(João Grande)

Iê! Qaundo eu chego no terreiro
Quando eu chego no terreiro
Trato logo de louvar
Louvo a Deus primeiramente
Louvo meu pai Oxalá
Também louvo o pai Xangô
E a rainha do mar
Peço licença Deus de Angola
Me dê o salão pra eu vadiar, camará...

QUANDO EU AQUI CHEGUEI
(João Pequeno)

Quando eu aqui cheguei
A todos eu vim louvar
Vim louvar a Deus primeiro
E os moradores deste lugar
Agora eu tô cantando
Cantando, dando louvor
Tô louvando a Jesus Cristo
Porque nos abençôo
Tô louvando e tô rogando
Ao pai que nos criou
Abençoe esta cidade
Com todos seus moradores
E na roda de Capoeira
Abençoe os jogadores, camaradinha ...

SANTA MARIA, MÃE DE DEUS

Santa Maria, Mãe de Deus
Eu cheguei na igreja me confessei
Santa Maria, Mãe de Deus
Eu cheguei na igreja e me confessei
Santa Maria, Mãe de Deus

MINHA SEREIA

Minha mãe Janaína, rainha
Sereia do mar
Por favor não deixe o
Meu barco virar
Minha rainha, sereia do mar ...

Eusebio Lobo

Capoeira é jogo de tradição, não é briga de rua

Vivi num tempo em que a Capoeira não era profissão, apenas tradição, pois o número de academias de Capoeira era pequeno em relação ao número de capoeiristas. As mais famosas academias ou escolas eram a do Mestre Pastinha e do Mestre Bimba e outras também respeitáveis, como a de Mestre Gato, Mestre Valdemar da Liberdade, Mestre Canjiquinha, Mestre Caiçara e outros. Este último, aliás, ensinava nas ruas. Quem fazia a escola era o Mestre e não a academia ou associação.

Digo tradição porque, nas academias e locais improvisados para o ensino da capoeira, não havia a preocupação com o aspecto financeiro, mas com o orgulho de se estar mantendo uma tradição. Talvez, por isto mesmo, a exigência na aprendizagem era maior e, ao chegar a velhice, os mestres passavam grandes dificuldades financeiras.

Aqueles que não tinham um local fixo, ensinavam em qualquer espaço possível (fundo de quintal, porta de rua etc). O importante era ter alguém interessado em aprender e isto ocorria constantemente, pois, aquele que conhecia a linguagem da capoeira se destacava dos demais.



Os capoeiristas dos estilos angola e regional eram rivais, assim como existia rivalidade entre os times de Futebol, as Escolas de Samba e principalmente entre os bairros. Era muito difícil namorar uma garota de outro bairro, pois a turma de lá, geralmente, procurava confusão. Por isto, havia a necessidade de se ter personalidade própria e, melhor ainda, de se conhecer uma arte de defesa pessoal. Esta última, provavelmente, era o motivo mais forte para o jovem procurar aprender a capoeira.

Muitas vezes, os capoeiristas viviam em um mesmo bairro, ou eram colegas de escola, ou mesmo irmãos. Existia o espírito de irmandade entre a classe dos capoeiristas; em contra-partida, existia também um olhar de recriminação por parte da sociedade para aqueles que praticassem a capoeira. A disputa geralmente ocorria no universo da capoeira e sob a regência do berimbau. O resto era considerado briga de rua.

A capoeira era praticada na rua e no entanto, nunca foi briga de rua. Aqueles que não conheciam os fundamentos e aprenderam que capoeira era " coisa

de malandro", não podiam distinguir uma coisa da outra.

Apenas os capoeiristas daquele tempo sabiam distinguir a diferença entre jogo de capoeira e briga de rua. Coisas completamente opostas. Havia aqueles que quebravam as regras ou fundamentos do jogo e transformavam a roda em briga de rua, porém, eles pouco conseguiam fazer isso, pois a turma ficava prevenida e os " escorava".

Escorão, um golpe de capoeira, definia também a atitude de impedir alguém de jogar. Então, dizia-se que " o elemento" tomou um escorão.

Outra atitude era a de ninguém jogar com este tipo de capoeirista: ou colocava-se uma criança para fazê-lo e envergonhava o cara; ou então preparava-se uma armadilha: quando o valentão chegasse, todos jogavam com ele, um a um, entrando e saindo, até ele ficar bem cansado e depois, dentro das regras, davam-lhe uma boa lição.

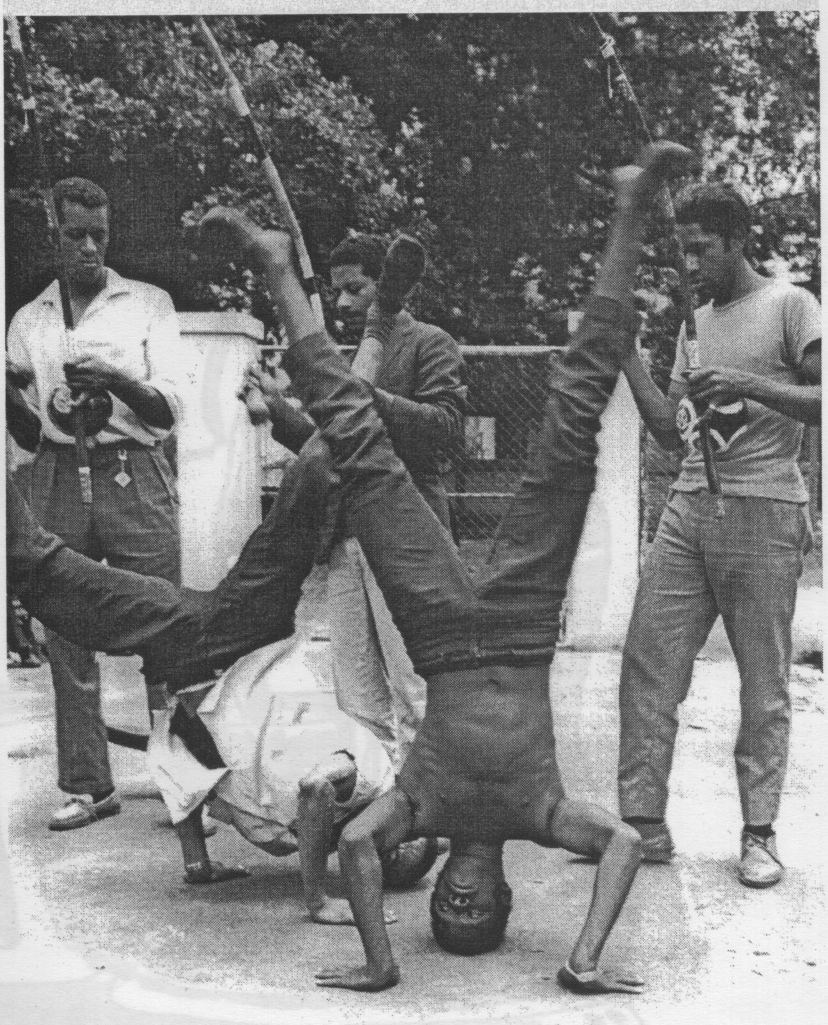
Portanto, tínhamos duas visões acerca da capoeira: a de quem praticava ou conhecia os fundamentos e a da sociedade leiga, que não sabia distinguir uma coisa da outra. E este equívoco continua ocorrendo hoje. Fica, portanto, a questão: tradição ou briga de rua?

No próximo número, continuaremos falando das regras antigas que compõe os fundamentos da Capoeira.

Imagem

Esta é a primeira colaboração dos leitores.Mande a sua Imagem, da Capoeira atual, antiga, dos mestres conhecidos ou não.
Mostre a Imagem da Capoeira

Severino José, cordelista da Praça da República nos enviou esta Imagem de uma roda de Capoeira, na Praça da República, em 1966, com a presença do Mestre Waldemar - SP, que também era pintor primitivo e além de jogar, expunha seus quadros.

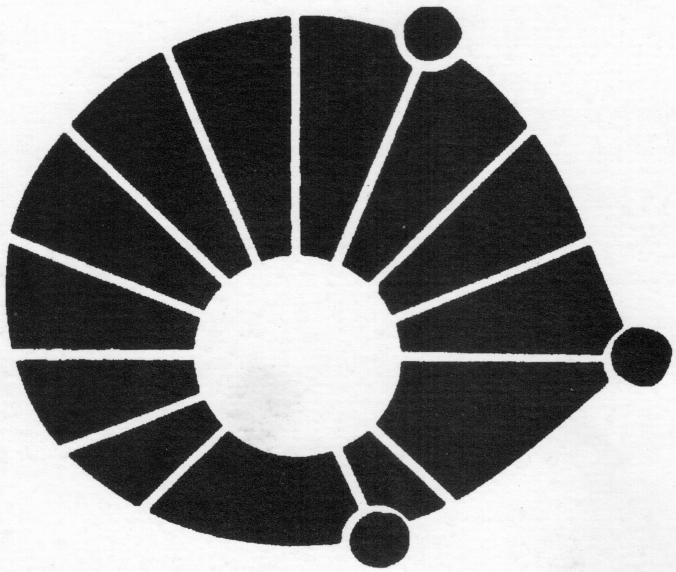


SAIDEIRA

É Camaradinha, trouxemos algumas informações, novidades....
Estamos formando uma roda envolta da Capoeira e das coisas que o nosso povo produz(iu). A Revista é só um pretexto para que as pessoas acordem e sintam como é bonita a Capoeira na praça da República, como é legal poder saber do que rola com a Capoeira fora do Brasil, que bom saber que existe uma figura tão linda como Dª Maria do Carmo, que pode falar com tanta leveza de uma época de tanto sofrimento...
Foi bom mais uma vez fazer esse mergulho e trazer pra vocês o que de melhor temos de potencial humano dentro da nossa cultura popular brasileira.
Esta roda nem está formada mas já dá pra sentir que a energia só vai aumentando.
Se achegue também e vamos somando. Contamos com a sua participação!



APOIO



FAEP

UNICAMP